

CORPO, ANCESTRALIDADE E LINGUAGEM: ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NEGRA À LUZ DE FRANÇOISE DOLTO

¹Najla Gergi Krouchane
Nucléo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas, São Paulo, São Paulo, Brasil;

Eixo Temático: Espiritualidade e Religiosidade

Resumo: A espiritualidade e a religiosidade negra constituem sistemas simbólicos que articulam corpo, ancestralidade, comunidade e sagrado como dimensões inseparáveis da existência. Nas tradições afrodiaspóricas, como Candomblé, Umbanda e práticas de matriz bantu, o corpo é veículo de expressão espiritual, memória coletiva e comunicação com os ancestrais (Viegas, 2024; 2025). Nesse sentido, a psicanálise de Françoise Dolto (1985/2005), ao compreender o corpo como linguagem e a subjetividade entrelaçada às transmissões simbólicas transgeracionais, oferece uma perspectiva fecunda para analisar essas práticas. A aproximação entre esses campos permite compreender como a religiosidade/espiritualidade negra atua na constituição psíquica, na elaboração do trauma histórico e na afirmação identitária do sujeito negro. Contudo, o objetivo deste trabalho é discutir como os conceitos de Françoise Dolto — especialmente o corpo falante, simbolização e transmissão psíquica — contribuem para compreender a espiritualidade e a religiosidade negra como dispositivos de subjetivação, cura, resistência e reconstrução histórica. Dolto (1984/2012) afirma que o corpo é o primeiro mediador da linguagem e que nele se inscrevem marcas afetivas, culturais e históricas. Nas tradições negras, essa concepção encontra forte ressonância: o corpo é protagonista nos rituais, danças, cantos, oferendas e no transe, funcionando como meio de comunicação com o sagrado e com a ancestralidade. Essa centralidade corporal dialoga diretamente com a noção doltoniana de que o sujeito se expressa antes da fala, por meio de gestos e sensações carregados de significado. A ancestralidade, elemento estruturante da religiosidade negra, também se articula com a ideia de transmissão psíquica defendida por Dolto (1995/2010;1996/2010). O culto aos ancestrais pode ser compreendido como prática que reinscreve o sujeito em uma linhagem simbólica, oferecendo continuidade, pertencimento e elaboração das feridas deixadas pelo racismo. Os terreiros, por sua vez, podem funcionar como espaços de acolhimento, reorganização psíquica e reconhecimento. Neles, o sujeito é nomeado, visto e reintegrado à comunidade. O nome “ritual” — ou nome de santo — opera como novo significante que reposiciona o sujeito dentro de um sistema de sentido, fortalecendo sua identidade e sua história. A leitura da espiritualidade e da religiosidade negra a partir da psicanálise de Françoise Dolto evidencia que essas práticas ultrapassam o campo religioso e atuam como potentes dispositivos de subjetivação, resistência e reparação. Elas restauram o valor simbólico do corpo, fortalecem vínculos comunitários e oferecem meios de elaboração das marcas históricas do racismo. Assim, a articulação entre Dolto e as práticas afrodiaspóricas amplia a compreensão de como o sagrado participa da construção de identidades, da cura psíquica e da afirmação da existência do sujeito negro.

Palavras-Chave: Ancestralidade Negra; Espiritualidade; Religiosidade; Françoise Dolto; Psicanálise.

Referências

DOLTO, Françoise. **A causa das crianças (1985)**. Tradução: Ivo Storniollo e Maria C. T. da Silva. Aparecida: Ideias & letras, 2005. 394 p.

DOLTO, Françoise. **A fé a luz da psicanálise (1996)**. Tradução: Marisa Rossetto. Campinas: Verus Editora, 2010.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo (1984)**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

DOLTO, Françoise. **Os evangelhos à luz da Psicanálise (1995)**. Campinas: Verus Editora, 2010.

VIEGAS, Maria Ivanice de Andrade. Nas correntezas da urbanização: tradição e religiosidade negra na cidade contemporânea. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 16, n. 44, 2025. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1859>. Acesso em: 9 jan. 2026.

VIEGAS, Maria Ivanice de Andrade. O sagrado na religiosidade popular negra: ser e pertencer no domínio do congado mineiro. **Mosaico**, [S. l.], v. 16, n. 25, p. 296–322, 2024. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/91100>. Acesso em: 9 jan. 2026.